

E.O. CHIROVICI

○
LIVRO
DOS
ESPELHOS

Tradução de
Roberto Muggiati

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

Parte Um

Peter Katz

Lembranças são como projéteis. Alguns passam rente e só nos assustam. Outros abrem um buraco em nós e nos deixam dilacerados.

Richard Kadrey, *Kill the Dead*

Recebi o original do livro em janeiro, quando todos na agência ainda tentavam se recuperar da ressaca das festas de fim de ano.

De alguma forma, o e-mail conseguiu driblar o filtro de spam e surgiu na minha caixa de entrada junto a dezenas de outros. Li a mensagem e fiquei intrigado, por isso a imprimir, junto com o arquivo anexo, que continha o manuscrito parcial, e coloquei tudo na gaveta. Ocupado com a fase final de uma negociação, não pensei mais no assunto até quase o fim do mês. Foi no fim de semana prolongado pelo Dia de Martin Luther King que re-descobri os papéis, em meio a uma pilha de originais que eu pretendia ler no feriado.

O e-mail era assinado por “Richard Flynn” e dizia:

Caro Peter,

Meu nome é Richard Flynn e me formei em Literatura Inglesa, em Princeton, há vinte e sete anos. Meu sonho

era ser escritor, publiquei alguns contos em revistas e cheguei até a escrever um romance de trezentas páginas, que deixei de lado após ter sido rejeitado por várias editoras (e que eu mesmo, agora, considero fraco e sem sal). Depois disso, consegui um emprego numa pequena agência de publicidade em Nova Jersey e continuo no ramo até hoje. No começo, eu me iludia dizendo que a publicidade podia ser comparada à literatura e que um dia eu retomaria a carreira de escritor. Obviamente, isso não aconteceu. Acho que, para a maioria das pessoas, crescer significa, infelizmente, adquirir a habilidade de enfiar os sonhos numa caixa, fechá-la a sete chaves e jogá-la no East River. Aparentemente, não fui exceção à regra.

Mas, há poucos meses, fiz uma descoberta importante, que trouxe de volta à minha memória uma série de acontecimentos trágicos do outono e do inverno de 1987, meu último ano em Princeton. Sabe como é: você acha que esqueceu algo — um fato, uma pessoa, uma situação — e então, de repente, percebe que a lembrança estava jogada em algum canto escondido da mente, e que ela sempre esteve ali, como se o episódio tivesse ocorrido ontem. É como abrir um armário velho, cheio de tralhas: é só tirar uma caixa do lugar que tudo cai em cima de você.

Aquela descoberta foi como um detonador. Uma hora depois de ouvir a notícia, eu ainda continuava refletindo sobre a sua importância. Então me sentei à minha escrivaninha e, inundado pelas memórias, escrevi. Quando

parei, já passava muito da meia-noite e eu tinha escrito mais de cinco mil palavras. Era como se, de repente, eu tivesse redescoberto quem eu era depois de me esquecer totalmente de mim mesmo. Quando fui ao banheiro escovar os dentes, tive a impressão de que uma pessoa diferente me olhava no espelho.

Pela primeira vez em muitos anos caí no sono sem precisar tomar calmante e, no dia seguinte, depois de dizer a todo mundo na agência que eu estava doente e que ficaria de licença médica por duas semanas, continuei a escrever.

Os detalhes dos acontecimentos daqueles meses de 1987 voltaram à minha mente com tal força e clareza que logo se tornaram mais vívidos e poderosos que qualquer outra coisa na minha vida. Foi como se eu tivesse despertado de um sono profundo, durante o qual minha mente foi se preparando para o momento em que eu começaria a relatar os eventos protagonizados por Laura Baines, pelo professor Joseph Wieder e por mim.

Naturalmente, por causa de seu trágico desfecho, a história foi parar nos jornais da época — parte dela, pelo menos. Fui assediado por policiais e repórteres por um bom tempo. Esse foi um dos fatores que me levaram a sair de Princeton e fazer meu mestrado em Cornell, morando por dois longos e poeirentos anos em Ithaca. Mas ninguém jamais descobriu a verdade sobre a história toda, aquela que mudou a minha vida para sempre.

Como mencionei, eu me deparei com a verdade há três meses e me dei conta de que precisava compartilhá-

-la, ainda que a raiva e a frustração que senti, e ainda sinto, sejam insuportáveis. Mas, às vezes, o ódio e a dor podem ser combustíveis tão poderosos quanto o amor. O resultado dessa necessidade é o livro que acabei de escrever, após um esforço que me deixou física e mentalmente exaurido. Estou anexando a este e-mail uma amostra, de acordo com as instruções que encontrei em seu site. O texto está completo e pronto para ser submetido à sua apreciação — se tiver interesse em ler o original todo, enviarei o manuscrito integral, que tem 248 páginas. O título provisório que dei para ele foi *O livro dos espelhos*.

Vou parar por aqui, pois meu laptop diz que já excedi o limite de 500 palavras para uma carta de apresentação. De qualquer forma, não há muito mais o que falar sobre mim.

Sou nascido e criado no Brooklyn, nunca me casei, nem tive filhos; em parte, acho, por nunca ter esquecido Laura de verdade. Tenho um irmão, Eddie, que mora na Filadélfia e que vejo muito raramente. Minha carreira na publicidade tem sido neutra, sem conquistas excepcionais nem incidentes desagradáveis — uma vida cinzenta, escondida entre as sombras da Babel. Hoje, trabalho como redator sênior numa agência de porte mediano com sede em Manhattan, bem perto de Chelsea, onde moro há mais de duas décadas. Não tenho um Porsche e não me hospedo em hotéis cinco estrelas, mas também não preciso me preocupar com o dia de amanhã, pelo menos não no que se refere a dinheiro.

Agradeço pelo seu tempo e peço que, por favor, me avise caso queira ler o manuscrito completo. Meu endereço e número de telefone podem ser encontrados abaixo.

Atenciosamente,
Richard Flynn

E lá estava um endereço perto da Penn Station. Eu conhecia bem aquela área, pois morei ali por um tempo.

Aquela era uma carta de apresentação bastante incomum.

Já havia lido centenas, senão milhares, de cartas dessas durante meus cinco anos como agente literário na Bronson & Matters.

A agência, onde comecei como assistente júnior, sempre manteve uma política de abertura em relação ao recebimento de originais. Quase todas as apresentações eram estranhas, sem vida, desprovidas de um certo elemento que sugerisse que o candidato a autor estivesse falando especialmente com você, não apenas com mais um dentre as centenas de agentes literários cujos nomes e endereços podem ser encontrados no Literary Market Place. Algumas eram longas demais e cheias de detalhes inúteis. Mas a carta de Richard Flynn não se encaixava em nenhuma dessas categorias. Era concisa, bem escrita e, acima de tudo, transmitia calor humano. Ele não disse que havia entrado em contato apenas comigo, mas eu tinha quase certeza de que este era o caso, não sei bem por quê. Por algum motivo, ele não achou apropriado declarar isso em sua curta missiva: ele havia escolhido *a mim*.

Eu esperava gostar tanto do livro quanto havia gostado da carta de apresentação e, com isso, poder dar uma resposta positiva ao homem que a havia enviado, um homem por quem eu já nutria, de uma forma quase inexplicável, certa simpatia.

Deixei de lado os outros manuscritos em que planejava dar uma olhada, fiz café, me acomodei no sofá da sala e comecei a ler a amostra.

Um

Para a maioria dos americanos, 1987 foi o ano em que o mercado de ações teve uma alta estratosférica para depois despencar de uma vez; o caso Irã–Contras continuou a sacudir a cadeira de Ronald Reagan na Casa Branca; e o seriado *Belas e intrépidas* começou a invadir nossas casas. Para mim, foi o ano em que me apaixonei, e descobri que o diabo existe.

Fazia um pouco mais de três anos que eu estudava em Princeton e, na época, morava numa casa velha e feia na Bayard Lane, entre o Museu de Arte e a Biblioteca do Seminário Teológico. A casa tinha uma sala de estar com cozinha integrada no andar de baixo, e, no de cima, dois quartos, cada um com seu próprio banheiro. Ficava a apenas dez minutos a pé do McCosh Hall, onde aconteciam quase todas as minhas aulas.

Numa tarde de outubro, quando voltei para casa e entrei na cozinha, fiquei surpreso ao me deparar com uma jovem alta e magra, com longos cabelos loiros partidos ao meio. Ela me lançou um olhar amigável detrás de seus óculos de aros grossos,

o que lhe emprestou um ar ao mesmo tempo sério e sexy. Ela tentava extrair mostarda de um tubo sem saber que, antes, era preciso tirar o lacre de alumínio. Desatarraxei a tampa, removi o lacre e devolvi a ela o tubo. Ela me agradeceu, espalhando o molho amarelo denso sobre o enorme cachorro-quente que acabara de preparar.

— Ei, obrigada — disse ela, com um sotaque que trouxera do Meio-Oeste e que não parecia disposta a abandonar simplesmente para ser igual aos outros. — Quer um pedaço?

— Não, obrigado. A propósito, meu nome é Richard Flynn. Você é a nova inquilina?

Ela fez que sim com a cabeça. Tinha acabado de dar uma mordida generosa no cachorro-quente e tentava engolir rapidamente antes de responder.

— Laura Baines. Muito prazer. O inquilino anterior tinha um gambá de estimação ou coisa parecida? Está um fedor horrível lá em cima, de fazer cair todos os pelos do meu nariz. De qualquer jeito, vou ter de pintar as paredes. E tem alguma coisa errada com o aquecedor? Tive de esperar meia hora para a água esquentar.

— Soltava fumaça pelas ventas — expliquei. — Quer dizer, o cara, não o aquecedor, e ele não fumava só cigarro, se é que você me entende. Mas, fora isso, era um sujeito legal. De uma hora para outra decidiu tirar um ano sabático, então voltou para a casa dele. Teve sorte de a proprietária não ter feito com que ele pagasse o aluguel pelo resto do ano. Quanto ao aquecedor, três encanadores diferentes já vieram aqui para consertar. Não tiveram sorte, mas ainda não perdi a esperança.

— *Bon voyage* — disse Laura entre uma mordida e outra, referindo-se ao antigo inquilino. Em seguida, apontou para o micro-ondas na bancada. — Estou fazendo pipoca, depois vou ver um pouco de TV. Estão mostrando a Jessica ao vivo na CNN.

— Que Jessica? — perguntei.

O micro-ondas apitou, indicando que a pipoca já estava pronta para ser despejada na imensa tigela de vidro que Laura havia extraído das profundezas do armário acima da pia.

— Jessica McClure é uma garotinha — *garotchinha*, foi sua pronúncia — que caiu num poço no Texas — explicou ela. — A CNN está transmitindo a operação de resgate ao vivo. Como assim você não sabe de nada disso? Todo mundo só fala nesse assunto.

Ela colocou a pipoca na tigela e sinalizou para que eu a seguisse até a sala.

Nós nos sentamos no sofá e ela ligou a televisão. Não dissemos uma palavra por algum tempo, enquanto assistíamos aos acontecimentos que se desenrolavam na tela. Era um outubro ameno aquele, desprovido quase por completo da chuva habitual, e o crepúsculo se espalhava sorrateiramente pelas portas de vidro. Do lado de fora estava o parque que rodeava a Trinity Church, sombrio e misterioso.

Laura terminou de comer o cachorro-quente e encheu a mão de pipoca. Parecia ter esquecido totalmente que eu existia. Na tela, um técnico explicava a um repórter o andamento do trabalho num poço paralelo, projetado para permitir que o grupo de resgate tivesse acesso à criança presa debaixo da terra. Laura

chutou os chinelos para longe e sentou em cima das pernas cruzadas. Reparei que as unhas dos pés dela estavam pintadas com esmalte roxo.

— Você faz faculdade de quê? — perguntei, finalmente.

— Estou fazendo mestrado em Psicologia — respondeu ela, sem tirar os olhos da TV. — É meu segundo. Já tenho um em Matemática pela Universidade de Chicago. Sou de Evanston, Illinois. Já foi lá alguma vez? Onde as pessoas mascam tabaco e botam fogo em crucifixos?

Deduzi que ela devia ser uns dois ou três anos mais velha que eu, e aquilo me intimidou um pouco. Nessa idade, três anos parecem uma diferença muito grande.

— Achei que isso fosse no Mississippi — falei. — Não, nunca fui a Illinois. Sou do Brooklyn. Só estive no Meio-Oeste uma vez, num verão, quando tinha uns quinze anos, acho, e meu pai e eu fomos pescar nas Montanhas Ozark, no Missouri. Também visitamos Saint Louis, se não me falha a memória. Psicologia, depois de Matemática?

— Bem, eu era vista como uma espécie de gênio na escola — respondeu ela. — No ensino médio, venci todo tipo de competição internacional de Matemática, e aos vinte e um já tinha acabado o mestrado e estava pronta para fazer doutorado. Mas recusei todas as bolsas que me ofereceram e vim para cá estudar Psicologia. Meu grau de mestre me ajudou a entrar num programa de pesquisa.

— Tá. Mas você ainda não respondeu à minha pergunta.

— Tenha um pouco de paciência.

Ela espanou os restos de pipoca de cima da camisa.

Eu me lembro muito bem.

Ela estava de calças jeans desbotadas, daquelas com vários zíperes, que começavam a ficar na moda na época, e uma camisa de malha branca.

Laura foi à geladeira buscar uma Coca-Cola, e perguntou se eu queria também. Ela abriu as latas, enfiou um canudo em cada, e voltou para o sofá, dando uma para mim.

— No verão depois da minha formatura, eu me apaixonei por um garoto — ela pronunciou *garouto* — de Evanston. Ele tinha voltado para casa para passar as férias lá. Ele fazia mestrado em Engenharia Eletrônica no MIT, alguma coisa a ver com computadores. Um cara bonito e aparentemente inteligente chamado John R. Findley. Era dois anos mais velho que eu, e a gente se conhecia vagamente dos tempos do ensino médio. Mas, um mês depois, ele foi roubado de mim por Julia Craig, uma das criaturas mais burras que já conheci na vida, uma espécie de homínídeo que tinha conseguido aprender a articular umas dez palavras, mais ou menos, a depilar as pernas e a usar garfo e faca. Foi aí que me dei conta de que eu era boa em equações e integrais, mas não tinha a menor ideia de como as pessoas pensavam, principalmente os homens. Percebi que, se não tivesse cuidado, acabaria passando a vida cercada de gatos, porquinhos-da-índia e papagaios. Então foi por isso que eu vim para cá no outono seguinte. Minha mãe ficou preocupada e tentou me fazer mudar de ideia, mas ela me conhecia o suficiente para saber que seria mais fácil me ensinar a voar num cabo de vassoura. Estou no último ano e nunca me arrependi da minha decisão.

— Esse também é meu último ano. E você conseguiu o que queria? — perguntei. — Quer dizer, aprender sobre como os homens pensam?

Ela me olhou diretamente nos olhos pela primeira vez.

— Não tenho certeza, mas acho que fiz algum progresso. John terminou com a Godzilla após algumas semanas. Quando ele me ligou depois disso, não atendi o telefone, mesmo ele tendo tentado entrar em contato comigo várias vezes. Talvez eu seja só exigente, sabe?

Ela terminou a Coca-Cola e colocou a lata vazia na mesa.

Continuamos a assistir ao resgate da *garotchinha* do Texas na televisão, e batemos papo até quase meia-noite, tomando café e saindo da casa de tempos em tempos para fumar os Marlboros que ela havia pegado no quarto. Numa dessas saídas, eu a ajudei a carregar para dentro o restante das coisas dela, que estavam no porta-malas de seu velho Hyundai estacionado na garagem.

Laura era legal, tinha um ótimo senso de humor e deu para ver que era bastante culta. Como qualquer jovem adulto, eu era uma massa fervilhante de hormônios. Na época, não tinha namorada e estava desesperado para fazer sexo, mas lembro claramente que, no início, nem pensei na possibilidade de transar com ela. Estava certo de que devia ter namorado, embora jamais tenhamos conversado sobre isso. Mas eu estava inquieto, no bom sentido, ante a perspectiva de dividir a casa com uma mulher, algo que eu nunca tinha feito até então. Era como se, de repente, eu fosse passar a ter acesso a mistérios antes totalmente inacessíveis.

* * *

A verdade é que eu não gostava da faculdade e não via a hora de acabar meu último ano e dar o fora dali.

Eu tinha morado a vida inteira no Brooklyn, em Williamsburg, perto da Grand Street, onde as casas eram muito mais baratas do que são hoje. Minha mãe era professora de História no Boys and Girls High School, em Bed-Stuy, e meu pai, enfermeiro no Kings County Hospital. Resumindo, eu não fazia parte de uma família operária, mas me sentia como se fizesse, já que todos os outros moradores do bairro pertenciam a essa classe de trabalhadores.

Nunca passei por grandes problemas materiais, mas, ao mesmo tempo, meus pais não podiam comprar uma série de coisas que a gente gostaria de ter. Eu achava os habitantes do Brooklyn interessantes, e me sentia como um peixe do cardume naquela Babel de diferentes raças e costumes. Os anos setenta foram difíceis para a cidade de Nova York, e eu me lembro que um monte de gente era muito pobre e que a violência estava por toda parte.

Quando cheguei a Princeton, entrei para algumas sociedades acadêmicas, me tornei membro de um daqueles famosos “clubes de refeições” na Street, e fiz amizade com os atores amadores do Triangle Club.

Diante de um círculo literário com um nome exótico, li vários contos que eu havia escrito no fim do ensino médio. O grupo era liderado por um autor relativamente famoso que dava aulas como professor visitante, e seus integrantes rivalizavam entre si torturando a língua inglesa para produzir poemas sem sentido. Quando eles viram que meus contos seguiam o esti-

lo “clássico” e que eu vinha buscando inspiração nos romances de Hemingway e Steinbeck, começaram a me considerar uma aberração. Um ano depois disso, eu passava meu tempo livre na biblioteca ou em casa.

A maioria dos alunos era de classe média e da Costa Leste, que passou por um grande susto nos anos sessenta, quando seu mundo pareceu desabar, e os pais educaram seus filhos de um jeito a evitar que aquela loucura se repetisse algum dia. Os anos sessenta tiveram música, marchas, o verão do amor, experimentações com drogas, Woodstock e contraceptivos. Os anos setenta viram o fim do pesadelo do Vietnã e o início da música de discoteca, calças boca-de-sino e a emancipação racial.

Assim, minha sensação era de que não havia nada de especial nos anos oitenta e que nossa geração tinha perdido o trem da História. O Sr. Ronald Reagan, como um velho xamã ardiloso, evocara os espíritos dos anos cinquenta para perturbar o juízo dos cidadãos. Um a um, o dinheiro demolia os altares de todos os outros deuses, preparando-se para executar sua dança da vitória, enquanto anjos gorduchos com chapéus Stetson aninhados sobre cachos loiros entoavam cânticos à livre iniciativa. *Go, Ronnie, go!*

Eu via os outros alunos como conformistas esnobes, apesar de suas posturas rebeldes, sem dúvida acreditando que aquilo era o que se esperava de alunos das faculdades da Ivy League, como uma espécie de reminiscência das décadas anteriores. As tradições eram importantes em Princeton, mas, para mim, não passavam de encenação — o tempo havia esvaziado todas elas de qualquer significado.

Quanto aos professores, eu via a maioria deles como pessoas mediócras agarradas com unhas e dentes a um emprego de prestígio.

Os alunos que brincavam de ser marxistas e revolucionários com o dinheiro dos pais ricos nunca se cansavam de ler calhaços como *Das Kapital*, ao passo que aqueles que se viam como conservadores agiam como se fossem os descendentes diretos do peregrino do *Mayflower* que, empoleirado no alto do mastro com a mão apoiada na testa para proteger os olhos do sol, gritou: *Terra à vista!* Para os primeiros, eu era um pequeno-burguês cuja classe devia ser desprezada e cujos valores deviam ser pisoteados; para os últimos, eu era só um branquelo do Brooklyn que conseguiu de alguma forma se infiltrar em seu magnífico campus com objetivos duvidosos e indiscutivelmente execráveis. Para mim, Princeton parecia uma invasão de robôs arrogantes com sotaque de Boston.

Mas é possível que todas essas coisas existissem apenas na minha cabeça. Depois que decidi me tornar escritor no fim do ensino médio, gradualmente fui construindo uma visão pessimista e cética do mundo, com o inestimável auxílio dos Senhores Cormac McCarthy, Philip Roth e Don DeLillo. Eu me convenci de que um escritor de verdade tinha de ser triste e solitário, enquanto recebia polpudos cheques de direitos autorais e passava férias em resorts europeus da alta sociedade. Falava para mim mesmo que se o diabo não tivesse deixado Jó pobre e exausto, sentado num monte de bosta, ele nunca teria ficado conhecido, e a humanidade teria sido privada de uma obra-prima literária.

Eu tentava evitar passar mais tempo do que o necessário no campus, por isso costumava voltar a Nova York nos fins de semana. Perambulava pelos sebos do Upper East Side, assistia a peças em teatros obscuros em Chelsea e ia a concertos de Bill Frisell, Cecil Taylor e Sonic Youth na Knitting Factory, que acabara de ser aberta na Houston Street. Frequentava os cafés da Myrtle Avenue, ou atravessava a ponte até o Lower East Side e jantava com meus pais e meu irmão mais novo, Eddie, que ainda estava no ensino médio, num daqueles restaurantes de gestão familiar onde todos se conhecem pelo nome.

Passei em todas as matérias sem grandes esforços, ficando na zona de conforto da “média” para não ter problemas e ainda ter tempo para escrever. Criei dezenas de contos e comecei um romance, que não passou de alguns poucos capítulos. Usava uma velha máquina de escrever Remington que meu pai havia encontrado no sótão de uma casa, consertado, e dado para mim de presente quando fui para a faculdade. Depois de reler meus textos e revisá-los várias vezes, eles acabavam na lata de lixo. Sempre que descobria um autor novo, eu o imitava sem perceber, como um chimpanzé embasbacado ante a visão de uma mulher de vermelho.

Por algum motivo, eu não curti drogas. Fumei maconha pela primeira vez aos quatorze anos, durante uma excursão ao Jardim Botânico. Um garoto chamado Martin levou dois baseados, compartilhados por cinco ou seis de nós num local escondido, com a sensação de que as águas lodosas da criminalidade estavam nos arrastando para as profundezas num caminho sem volta. Voltei a fumar algumas vezes no ensino médio, e também

me embebedei com cerveja barata em uma ou outra festa em apartamentos escusos na Driggs Avenue. Mas não sentia nenhum tipo de prazer em ficar doidão nem bêbado, para alívio dos meus pais. Naquela época, se você tivesse alguma propensão a sair da linha, era mais provável que fosse acabar sendo esfaqueado ou que fosse morrer por causa de uma overdose do que encontrar um trabalho decente. Estudei que nem um condenado na escola, consegui tirar notas altas e recebi convites tanto de Cornell quanto de Princeton, escolhendo a segunda, considerada mais progressiva na época.

A televisão ainda não havia se transformado num desfile interminável de programas nos quais vários “perdedores” são forçados a cantar, a ser insultados por apresentadores vulgares, ou a entrar em piscinas cheias de cobras. Os programas de televisão americanos ainda não tinham virado piada, uma confusão de barulhos e gargalhadas sem nenhum significado. Mas eu também não via nada de interessante nos debates políticos hipócritas daqueles tempos, nem nas piadas de mau gosto ou nos filmes B sobre adolescentes que pareciam feitos de plástico. Os poucos produtores e jornalistas decentes dos anos sessenta e setenta que ainda estavam no comando dos estúdios de televisão pareciam constrangidos e tão inquietos quanto dinossauros vendo o meteorito que proclamou o fim de sua era se aproximar.

Mas, como eu viria a descobrir, Laura precisava de uma dose noturna de lixo televisivo, alegando que aquele era o único jeito de seu cérebro atingir uma espécie de inércia, possibilitando que ele classificasse, sistematizasse e armazenasse o que havia

acumulado durante o dia. E, assim, no outono do Ano de Nosso Senhor de 1987, eu vi televisão como nunca antes, sentindo uma espécie de prazer masoquista em ficar largado no sofá ao lado dela, fazendo comentários sobre todos os programas de entrevista, noticiários e novelas, como os dois velhos rabugentos dos *Muppets*.

Laura não me contou logo sobre o professor Joseph Wieder. Foi só no Halloween que ela comentou que o conhecia. Ele era um dos professores mais importantes de Princeton na época. Era visto como uma espécie de Prometeu, que descera para a companhia dos reles mortais a fim de compartilhar com eles o fogo dos deuses.

Estávamos assistindo ao *Larry King Live*, ao qual Wieder havia sido convidado para falar sobre o vício em drogas — três rapazes haviam morrido de overdose no dia anterior, numa cabana perto de Eugene, Oregon. Aparentemente, Laura e o professor eram “bons amigos”, segundo me disse.

Àquela altura do campeonato, eu já devia estar apaixonado por ela, mesmo que ainda não tivesse consciência disso.